



O direito à dúvida: descolonização em *Cartas para Martin*, de Nic Stone

The right to doubt: decolonization in Dear Martin, by Nic Stone

El derecho a la duda: la descolonización en Cartas para Martin, de Nic Stone

Jaqueline Magon¹

orcid.org/0009-0009-7456-9359
jaquemagon31@gmail.com

Recebido em: 01/02/2023.

Aprovado em: 12/10/2023.

Publicado em: 15/12/2023.

Resumo: Partindo do pressuposto candiano de que toda literatura tem como premissa três faces integradas, sendo elas: uma estrutura significante; uma forma de expressar sentimentos e visões de mundo; e uma forma de conhecimento, que podemos apreender de forma prolixa e inconsciente, objetivamos analisar como a construção estética do romance juvenil *Cartas para Martin*, da escritora estadunidense Nic Stone (2020a), colabora com as relações entre a (des)construção do pensamento, a escrita e as identidades juvenis minorizadas. Para realizar essa análise, nos pautaremos nos pressupostos teóricos de Hunt (2005, 2015) sobre Literatura Infantil, os quais usaremos como inspiração para refletir sobre a Literatura Juvenil; nos conceitos de identidade e multiculturalismo de Hall (2006) e Bonnici (2011), respectivamente; e nos conceitos de trauma e descolonização de Kilomba (2021). Por meio de uma estética que rompe estereótipos literários, Stone (2020a) rompe também estereótipos de identidades, ao demonstrar como um jovem minorizado lida com os sistemas culturais e sociais opressivos que perpassam sua existência. Na impossibilidade de encontrar um espaço que o acolha, a personagem cria seus próprios espaços no mundo profundo de sua consciência.

Palavras-chave: Literatura Juvenil. Identidades. Racismo. Trauma. Descolonização.

Abstract: Starting from the candian presupposition that all literature has as its premise three integrated faces, namely: a significant structure; a way of expressing feelings and worldviews; and a form of knowledge, which we can apprehend in a verbose and unconscious way, we aim to analyze how the aesthetic construction of the young adult novel *Dear Martin*, by the north-american writer Nic Stone (2020a), collaborates with the relations between the (des)construction of thought, the writing and minorized young adult identities. To carry out this analysis, we will base ourselves on the theoretical assumptions of Hunt (2005, 2015), on Children's Literature, which we will use as inspiration to reflect on young adult literature; in the concepts of identity and multiculturalism, in Hall (2006) and Bonnici (2011), respectively; and in the concepts of trauma and decolonization, in Kilomba (2021). Through an aesthetic that breaks literary stereotypes, the writer also breaks identity stereotypes, by demonstrating how a minorized young person deals with the oppressive cultural and social systems that pervade their existence. In the impossibility of finding a space that welcomes him, the character creates his own spaces in the deep world of his conscience.

Keywords: Young Adult Literature. Identities. Racism. Trauma. Decolonization.

Resumen: Partiendo de la suposición candiana de que toda literatura tiene como premissa tres caras integradas, a saber: una estructura significante; una forma de expresar sentimientos y cosmovisiones; y una forma de conocimiento, que podemos apreender de manera verbosa e inconsciente, nos proponemos analizar cómo la construcción estética de la novela juvenil *Cartas para Martin*, del escritor norte-americano Nic Stone (2020a), colabora con las relaciones entre la (des)construcción del pensamiento, la escritura y las identidades adultas jóvenes minorizadas. Para llevar a cabo este análisis, nos basaremos en los



¹ Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-graduação em Letras, Maringá, PR, Brasil.

presupostos teóricos de Hunt (2005, 2015), sobre a Literatura Infantil, que utilizaremos como inspiração para refletir sobre a Literatura Juvenil; em los conceptos de Identidad y Multiculturalidad, en Hall (2006) y Bonnici (2011), respectivamente; y en los conceptos de trauma y descolonización, en Kilomba (2021). A través de una estética que rompe con los estereotipos literarios, la escritora también rompe con los estereotipos identitarios, al mostrar cómo un joven minoritario lidia con los sistemas culturales y sociales opresores que impregnan su existencia. En la imposibilidad de encontrar un espacio que lo acoja, el personaje crea sus propios espacios en el mundo profundo de su conciencia.

Palabras clave: Literatura Juvenil. Identidades. Racismo. Trauma. Descolonización.

Considerações iniciais

Em "O direito à literatura", Antonio Candido (2011) propõe reflexões sobre a natureza da arte literária. Compartilhamos da perspectiva do autor e, por isso, reiteramos que esta será nossa condutora durante as análises propostas neste artigo. A partir disso, partiremos, portanto, da premissa de que toda literatura possui três faces: uma primeira, que a posiciona enquanto uma construção de "objetos autônomos como estrutura e significado"; uma segunda, que a configura enquanto uma forma de expressar as "emoções e a visão do mundo dos indivíduos e do grupo"; e por fim, uma terceira, que a considera enquanto "uma forma de conhecimento [...] difusa e inconsciente" (CANDIDO, 2011, p. 178-179).

Após a apresentação esclarecedora do autor sobre as três faces, provavelmente, é ainda mais elucidativo aquilo que encontramos na sequência: o "efeito das produções literárias é devido à atuação simultânea dos três aspectos" (CANDIDO, 2011, p. 179). Ou seja, é por meio dessa conexão que a literatura possui a incrível capacidade de tirar as palavras "do nada" e as dispor "como todo articulado" (CANDIDO, 2011, p. 179). Ao acessar esse todo articulado, o leitor encontra meios para articular a si próprio, bem como o mundo.

Esses aspectos propostos pelo autor, especialmente o último, que menciona a organização do mundo, oferece apoio teórico para formas literárias cujo foco são temas sociais. Ora, uma vez que o tecido verbal da literatura possibilita, na integração com seus leitores, a articulação do

mundo, torna-se, portanto, um interesse humanitário, além de artístico literário, que problemas do mundo sejam – também, mas não os únicos, como bem aponta o autor – temas abordados na literatura.

A necessidade dessas reiterações teóricas reside em um fenômeno abordado por Turin (2003), que se relaciona ao nosso objeto de análise: a Literatura Juvenil. Sobre a evolução e as tendências das produções literárias para jovens, a autora afirma que se configuram quatro categorias temáticas principais: a realista, cujas obras abordam problemas de ordem familiar e social; a engajada, cujas obras tratam de denúncias de ordem histórica e, portanto, configuram-se como memorialísticas ou testemunhais; a aventura, cujas obras enfocam o distanciamento em detrimento do divertimento; e, por fim, a intempestiva, cujas obras não foram, ainda, passíveis de serem classificadas, performando, portanto, questões inovadoras.

Passados 20 anos após a publicação da autora, o cenário juvenil, na literatura, que, obviamente, continuou desenvolvendo-se, seguiu, de maneira muito similar, as quatro categorias, especialmente em relação à primeira citada. Nas literaturas de língua inglesa – como referências, porém, também com foco analítico, uma vez que nosso objeto de análise pertence a esta categoria –, houve um aumento significativo de romances juvenis realistas e que, portanto, ficcionalizam situações sociais. Muitos deles, inclusive, foram traduzidos e bem recebidos pelo público leitor e pela crítica literária no Brasil. Como exemplo, *O sol também é uma estrela*, de Nicola Yoon (2017); *Daqui pra baixo*, de Jason Reynolds (2019); *O garoto do fundo da sala*, de Onjali Q. Raúf (2020); *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente*, de Sherman Alexie (2009); *O ódio que você semeia* e *Na hora da virada*, de Angie Thomas (2017, 2019); *A poeta X*, de Elizabeth Acevedo (2018); *Lembra aquela vez*, de Adam Silvera (2017); *Espere até me ver de coroa*, de Leah Johnson (2020); *Sangue dourado*, de Namina Forna (2021); *Orgulho*, de Ibi Zoboi (2019); e – o último item da nossa lista de exemplos, não,

claramente, de esgotamento das obras – *Cartas para Martin*, de Nic Stone (2020a), que analisaremos neste artigo.

O projeto literário de Nic Stone corrobora com a análise categórica de Turin (2003). Para a escritora, a essência de sua escrita é representar a realidade social e materializar a diversidade de vozes com as quais conviveu, nos subúrbios de Atlanta, onde nasceu e viveu sua infância e adolescência (STONE, 2020a). Nos seis livros publicados pela jovem escritora estadunidense – *Dear Martin* (STONE, 2017); *Odd One Out* (STONE, 2018); *Jackpot* (STONE, 2019); *Shuri: a black panther* (STONE, 2020b); *Shuri: the vanished* (STONE, 2021) e *Dear Justyce* (STONE, 2022) – ela concretiza seu projeto com sucesso. Porém, para nós, ela vai além, conforme pretendemos demonstrar nas próximas seções.

Cartas para Martin (STONE, 2020a) narra um ano da vida de Justyce McAllister, durante os seus 17 anos. O jovem mora em Atlanta e estuda no último ano da Escola Preparatória de Braselton, onde tem bolsa de estudos integral. Entre os 83 alunos de seu ano, Justyce é o quarto colocado. Também se destaca na equipe de debate, da qual é capitão. Fez excelentes pontuações nos exames de admissão, o que indica um futuro promissor a ele, que sonha com um diploma de Direito e uma carreira na Administração Pública. Justyce é filho de uma mãe trabalhadora, que também é sua maior incentivadora nos estudos. É amado por ela, pelo Prof. Dr. Jarius Dray, orientador da equipe de debate, e pelos amigos Manny e Sarah-Jane e suas respectivas famílias. Apesar disso, a característica de Justyce que se sobressai perante uma parcela das personagens do romance é sua cor e seu espaço geográfico: ele é negro e suas origens vêm de um bairro pobre e periférico de Atlanta. Diante disso, Justyce precisará se desvencilhar dos muros e questionar-se sobre quem, de fato, é para si mesmo.

A ação mais emblemática do romance que ilustra essa última afirmação é um ato de violência e racismo, fantasiado de abordagem policial, iniciado por Tomás Castillo, um agente de polícia. Justyce tentava ajudar a ex-namorada, Melo Taylor, em um estacionamento do Walmart,

uma vez que ela estava bêbada e, portanto, sem condições de voltar para casa dirigindo, quando o policial o aborda de forma violenta, sem que o jovem tivesse tempo, nem mesmo, de conseguir falar algo para se defender. A personagem sente na pele – literalmente – o que significa ser uma pessoa negra na sociedade estadunidense: foi agredido, algemado e preso. Sem provas, sem motivo, sem sentido.

Essa situação, muito mais do que um pequeno mal-entendido, transforma “as vidas” de Justyce, de uma forma negativa. A marcação do plural no substantivo é proposital e não porque Stone utilizou, no romance, referências às religiões que acreditam na reencarnação, mas porque tanto a vida que acontece ao redor de Justyce quanto aquela que acontece em seu interior são transformadas. A primeira é transformada ao passo que sua relação com as pessoas com quem convive muda e a segunda é transformada pela dúvida que surge sobre aquilo que pensa de si mesmo: “o que teria sido diferente se eu não fosse negro?” (STONE, 2020a, p. 21).

Sendo assim, demonstraremos como a construção do romance de Nic Stone, em suas três faces, evidencia as relações entre o pensamento crítico, a escrita e a construção da identidade juvenil minorizada. Para tanto, exploraremos os conceitos de Literatura Infantojuvenil com base em Hunt (2005) a fim de contextualizar o livro de análise. Também abordaremos os conceitos de identidade e multiculturalismo a partir de Hall (2006) e Bonnici (2011) para compreendermos os processos culturais e sociais que atravessam a construção de identidades. Por fim, analisaremos o processo de construção do pensamento crítico da personagem Justyce por meio dos conceitos de trauma e descolonização de Grada Kilomba (2021), teórica portuguesa.

1 O que Martin faria?

Recorremos, novamente – e sempre –, a Antonio Candido para iniciarmos nossa seção. Ainda em “O direito à literatura”, o autor explica o que entende por “humanização”, pois se refere, de maneira recorrente, ao conceito no decorrer do

texto. Para ele, bem como para nós, uma vez que também compartilhamos de sua perspectiva, a humanização é

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 2011, p. 182).

Não sendo possível haver equilíbrio social sem a literatura, pois "ela é fator indispensável de humanização" (CANDIDO, 2011, p. 182), consideramos que, em *Cartas para Martin*, Nic Stone (2020a), além de materializar vozes distintas, oferece, por meio de suas palavras, intencionalmente planejadas, uma forma de humanização. O fator de humanização que imperará em nossa análise é o primeiro citado por Candido (2011): o exercício da reflexão. A escolha não é aleatória: ela é tanto intraliterária quanto extraliterária. Intraliterária, pois a construção estética do romance assim nos permite, como será demonstrado na próxima seção. Extraliterária, pois o processo de reflexão, para pessoas como Justyce, é um fator de humanização essencial, uma vez que foram – e continuam sendo – colonizados, não somente em seus espaços geográficos, mas, sobretudo, em suas identidades. Para o escritor e crítico literário queniano Thiong'o (2015), em *Descolonizar la mente*, não haveria possibilidade de colonização por fatores econômicos e políticos, ou seja, das terras e das pessoas, sem, primeiramente, terem sido colonizadas as mentes. Portanto, é necessário descolonizá-las.

O exercício de reflexão, como nos mostra diversos escritores e críticos literários, parte da dúvida. Duvidar, portanto, é um processo mental essencial à busca por uma vida humanizada em uma sociedade que induz alienações. Portanto, queremos iniciar as discussões teóricas desta seção utilizando esse benefício da dúvida.

O primeiro conceito colocado sob o prisma da dúvida que analisaremos é o de Literatura Infantil sob a perspectiva do professor e crítico literário britânico Peter Hunt. Em *Understanding children's*

literature, Hunt (2005) nos ajuda a questionar a relação autor-leitor dos livros infantis, uma vez que são obras produzidas por autores adultos destinadas às crianças leitoras. Dessa forma, sem uma perspectiva crítica que se preocupe, de fato, com a literatura e com as crianças, é comum que o autor-adulto imponha à criança-leitora sua perspectiva de mundo. Em entrevista ao jornal *O Globo*, o autor afirma: "toda Literatura Infantil é sobre poder e tenta controlar a criança" (HUNT, 2015, s.p.). E continua: "*Peter Pan*, o menino que não quer crescer, é uma ideia de adulto. Assim como a escola maravilhosa de *Harry Potter*. Não sei você, mas a minha escola não era nenhum paraíso" (HUNT, 2015, s.p.).

Diante disso e do abismo que a tradição canônica criou entre si e a Literatura Infantil por considerá-la menos literatura, Hunt constrói pontes e afirma que analisarmos livros infantis sob o mesmo prisma de livros adultos, é criar "problemas desnecessários" (HUNT, 2005, p. 14, tradução nossa). Isto porque Hunt (2015, p. 14, tradução nossa) afirma que: "vocabulário limitado pode ser tedioso para você e, ao mesmo tempo, ser o que um garoto quer. Ilustrações podem ser redundantes para o adulto, mas preencher lacunas de conhecimento para o menino". Ou seja,

[...] os livros infantis são diferentes dos livros para adultos: são escritos para um público diferente, com diferentes habilidades, diferentes necessidades e diferentes formas de leitura, [pois] as crianças vivenciam os textos de maneiras muitas vezes incognoscíveis, mas que muitos de nós suspeitamos ser muito ricas e complexas (HUNT, 2005, p. 14, tradução nossa).

Por meio das dúvidas, bem como dos esclarecimentos, levantados pelo autor, suscitamos outras possibilidades em uma tentativa de maior aproximação com o livro sob análise: a Literatura Juvenil. Sendo a literatura destinada para jovens, em sua maioria, escrita por adultos, então, acreditamos que ela também precisa ser feita com cuidado e com respeito às particularidades dessa fase. Afinal, assim como a infância de *Peter Pan* é uma fantasia de adulto, os romances juvenis que retratam relacionamentos amorosos com finais felizes de casais héteros, de classe mé-

dia-alta, brancos e cisgêneros também podem ser compreendidos como fantasias de adultos, que intencionam controlar os adolescentes dentro de uma lógica ocidental: branca, patriarcal, capitalista e cristã.

Portanto, torna-se necessário também que a Literatura Juvenil respeite o espaço no qual adentrou, considerando que este espaço está situado sócio-historicamente e, portanto, se modifica conforme a sociedade muda. Assim como a infância, a adolescência foi se consolidando como uma distinta fase da vida no decorrer da história. Porém, mesmo com as mudanças, há um estereótipo que sempre a acompanhou: aquele que a denomina como uma fase difícil. Para Dragunova (1985 *apud* LEAL; FACCI; SOUZA, 2014, loc. 186), a variedade de transformações que acontecem na adolescência, alterando características, interesses e relações anteriores, podem ser as causadoras da aparição de dificuldades subjetivas, uma vez que o adolescente evidencia a diminuição da influência do adulto, surgindo diferentes formas de "desobediência, de resistência e de protesto".

Podemos afirmar, portanto, que os adolescentes, assim como as crianças, são seres-dúvidas por excelência. Dessa forma, a visão fantasiosa do adulto, de que eles querem apenas histórias românticas, seja de relacionamentos amorosos, de amizade, ou mesmo de um herói protetor, não se consolidam em um contexto desintegrado de alienações. Ou seja, geralmente, essas temáticas de livros juvenis funcionam – no sentido de venderem – pois os adolescentes são levados a pensar: um, que isso é, de fato, como a sociedade funciona; ou dois, que para fantasiar mundos criados, como estratégia de escape, a ordem social precisa sempre seguir essa mesma lógica. Diante disso, fatos sociais desalienantes que precisam ser problematizados com os adolescentes vão ficando invisibilizados, e, na maioria das vezes, por escolha dos próprios adultos que escrevem e que estão envolvidos no mercado editorial.

A situação se complica ainda mais quando consideramos que, apesar dessa característica subversiva em comum, a adolescência também

é marcada por inúmeras diferenças, pois adolescentes estão inseridos em diferentes culturas, com acesso a diferentes linguagens, religiões, espaços geográficos e classes sociais, bem como com identificações diversas de gêneros e sexualidades, que constroem diferentes identidades. Portanto, livros juvenis com pluralidades de temas e, conseqüentemente, com pluralidades estéticas que sejam suporte à diversidade temática são essenciais para oferecer uma literatura à altura de seu público-alvo (HUNT, 2005).

Um exemplo que ilustra muito bem essa afirmação é a vida da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Em *O perigo de uma história única*, a autora relata como foi sua relação com a literatura durante sua infância:

Passei a infância num *campus* universitário no leste da Nigéria. Minha mãe diz que comecei a ler aos dois anos de idade, embora eu ache que quatro deva estar mais próximo da verdade. Eu me tornei leitora cedo, e o que lia eram livros infantis britânicos e americanos. Também me tornei escritora cedo. Quando comecei a escrever, lá pelos sete anos de idade — textos escritos a lápis com ilustrações feitas com giz de cera que minha pobre mãe era obrigada a ler —, escrevi exatamente o tipo de história que lia: todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído. Escrevia sobre isso apesar de eu morar na Nigéria. Eu nunca tinha saído do meu país. Lá, não tinha neve, comíamos mangas e nunca falávamos do tempo, porque não havia necessidade. Meus personagens também bebiam muita cerveja de gengibre, porque os personagens dos livros britânicos que eu lia bebiam cerveja de gengibre. Não importava que eu não fizesse ideia do que fosse cerveja de gengibre. Durante muitos anos, tive um desejo imenso de provar cerveja de gengibre. Mas essa é outra história. O que isso demonstra, acho, é quão impressionáveis e vulneráveis somos diante de uma história, particularmente durante a infância. Como eu só tinha lido livros nos quais os personagens eram estrangeiros, tinha acabado convencida de que os livros, por sua própria natureza, precisavam ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar (ADICHIE, 2009, p. 6).

Por meio desse relato, a autora demonstra a força da Literatura Infantil, e acreditamos que a Juvenil tenha o mesmo potencial. No caso de Adichie – e de quantos outros mais? –, essa força foi impulsionada em uma direção mani-

puladora e, portanto, a dúvida lhe foi negada. Como se percebe no relato da autora, o fato das dinâmicas de sua vida serem o extremo oposto daquilo que encontrava nos livros, também não a faz duvidar, pois, essa é a força da literatura: criar mundos e fazer-nos acreditar neles, ainda que não sejam reais.

Além disso, explicitar à criança e, especialmente, ao adolescente, como o(s) mundo(s) funciona(m) por meio dos livros literários, de fato, os ajudam a compreenderem também como eles mesmos funcionam, ou poderiam funcionar, justamente nessas fases do desenvolvimento em que anseiam, de maneira mais profunda, por isso. Esse contato com as verdades do mundo e de si na fase pré-adulta pode contribuir com o amadurecimento, a autonomia, a própria vida adulta e em comunidade, além de tantas outras coisas.

Felizmente, a dúvida que um dia moveu Hunt (2005, 2015) e Adichie (2009) também já alcançou diversos escritores de ficção. Como o próprio autor afirma, a manipulação da visão do adulto nos livros infantis e juvenis tem mudado: "há até uma moda de distopias, estilo *Jogos Vorazes*. Parte-se do princípio de que o mundo é um lugar ruim" (HUNT, 2015, s.p.). Apesar de não ser uma distopia, a mesma visão pode ser encontrada em *Cartas para Martin* (STONE, 2020a) também, pois uma possível linha interpretativa do romance – inclusive, a que usamos em nossa pesquisa – é de que Justyce descobre como o mundo é um lugar cruel. Podemos afirmar, portanto, que Stone, antes mesmo de Peter Hunt publicar esse livro, já compartilhava dessa visão de mundo que opta por olhar a adolescência com o devido cuidado do olhar crítico, mas afetivo e compreensivo.

O segundo conceito colocado sob o prisma da dúvida que analisaremos, e que se relaciona com o primeiro, é o de identidade em sociedades multiculturais discutido pelos autores Stuart Hall (2006) e Thomas Bonnici (2011). A relação entre esses dois conceitos se dá, justamente, por meio das características críticas e plurais dos adolescentes. Enquanto o primeiro relacionou-se à dúvida levantada por Peter Hunt sobre o fazer literário no contexto infantojuvenil; o segundo,

por sua vez, relaciona-se à dúvida no contexto da construção identitária, essencial à construção de personagens jovens complexos considerando suas peculiaridades e especificidades críticas.

Não é possível dialogar sobre construção de identidades após a segunda metade do século XX sem considerar um fenômeno social que é discutido por Hall (2006, p. 18): o "descentramento das identidades". Para o autor, as identidades modernas iniciaram um processo de descentração, cada vez mais acelerado, devido às fragmentações e desconstruções de classe, etnia, raça, nacionalidade e gênero ocasionadas por meio das intensas diversificações das práticas sociais, introduzidas no cenário cultural pela globalização.

Porém, para o autor, esse fenômeno precisa ser analisado sob o prisma da dúvida. Isto porque, nas sociedades industriais ocidentais, há uma tendência de busca por uma essência disciplinar que depende, portanto, da construção de identidades fixas. Dessa forma, Hall (2006, p. 21) demonstra como essas sociedades manipulam o descentramento das identidades a seu favor: de "uma política de identidade [...] para uma política de diferença". Esse movimento instaurou um sentimento de insegurança sobre o processo de descentramento, uma vez que proporcionou um choque de culturas e as relativizou, dando origem, assim, às culturas híbridas e multiculturais e ao intercâmbio cultural, conceitos que, para o autor, não trazem uma via de entendimento para a compreensão dos processos que constroem, de maneira crítica e não manipulativa, a política de identidade.

Bonnici (2011), em *O multiculturalismo e a literatura negra britânica no contexto multicultural*, discorre, de maneira mais específica, sobre multiculturalismo, evidenciando os motivos de Hall (2006) ter duvidado do conceito. O autor afirma que, apesar de multiculturalismo também poder ser sinônimo de "pluralismo ou diversidade cultural" (BONNICI, 2011, p. 22), devemos ter cuidado ao vê-lo sendo utilizado por Estados nacionalistas. Ou seja, devemos usar o mecanismo emancipador da dúvida, uma vez que esse conceito, nesses contextos, não considera "sistemas e estruturas

de desigualdade ou fatores de injustiça social" (BONNICI, 2011, p. 22). Em sociedades coloniais, onde o racismo – e tantas outras coisas – é atualizado dia após dia, como seria possível tratar de culturas diversas sem considerar fatores de opressão? Um tanto quanto duvidoso, de fato.

Diante disso, a dúvida sobre o conceito de multiculturalismo, nesses contextos, poderia abrir um caminho para compreendermos a relação dos descentramentos das identidades com nossos contextos histórico, político, social e cultural de maneira crítica por meio da análise dos processos que as constituem. Isso nos possibilitaria entender a cultura enquanto porta para interpretar a realidade, bem como para transformar as interpretações já preexistentes (HALL, 2006). Acrescentamos à afirmação do autor: para interpretar também a nós mesmos diante das situações críticas que a vida em sociedade nos impõe e, especialmente, diante do fato de que elas nos definem de muitas maneiras.

Esse movimento reflexivo de interpretação do exterior e do interior, a partir dos descentramentos das identidades, foi, de maneira admirável, transformada em arte por Nic Stone (2020a) em *Cartas para Martin*. A partir de um incidente com o policial Castillo, Justyce ganha, nos pulsos e na consciência, duas marcas: naqueles, as algemas; nesta, o ponto de interrogação. A maneira que Stone escolhe narrar os acontecimentos que surgem após essas marcas corrobora com as ideias de Hunt (2005, 2015), uma vez que a autora se preocupa em criar uma história que possibilita a entrada dessas realidades diversas em seu texto, visto que retrata a vida da população jovem, negra e periférica dos Estados Unidos.

Considerando que estamos tratando de literatura, ou seja, de ficção e de arte, também encontramos, no romance, um segundo elemento característico desse contexto: Justyce, por meio das mãos e da mente habilidosas de Stone, não é representado apenas como um jovem negro e periférico dos Estados Unidos, pois ele também duvida, ele pensa, ele anseia por entender melhor o mundo e a si mesmo. E esse elemento, tanto para a obra – como iremos demonstrar – quanto para os leitores, é um elemento transgressor.

O recurso estético que Stone utiliza para materializar essa característica de Justyce é um gênero híbrido. Na obra, temos um narrador onisciente e que, portanto, poderia narrar todos os acontecimentos e pensamentos de Justyce, uma vez que tem acesso a tudo, porém, de maneira simbólica, a autora escolhe quebrar a narrativa em terceira pessoa para dar lugar à voz de Justyce: ele escreve cartas e é justamente nelas que temos acesso aos outros pontos de interrogação que aquele cravado por Castillo vai abrindo em sua consciência. Um acesso permitido apenas por ele, e não por um terceiro desconhecido.

Assim como já citamos anteriormente, sobre as vidas de Justyce que são retratadas no romance, não é apenas nas cartas e, portanto, na interioridade da personagem, que percebemos os elementos causadores das dúvidas. Elas, muitas vezes, aparecem devido a acontecimentos externos. Dessa forma, Stone reafirma, corroborando também com Hall (2006), como os acontecimentos sociais são fundamentais para a formação das nossas identidades. Há uma passagem no romance, por exemplo, em que Manny, o melhor amigo de Justyce, fala em relação a dois possíveis relacionamentos do amigo: "Jus, se a Melo e a SJ fossem caminhos opostos numa bifurcação da vida, você estaria indo direito para um beco sem saída, meu amigo" (STONE, 2020a, p. 96). Aproveitamos essa metáfora da bifurcação para compreendermos os aspectos externos do romance em relação a Justyce. Ou seja, entendemos que, no dia 25 de agosto, quando Justyce sofre a abordagem policial, que também é quando ele escreve a primeira carta, assim como é o início do romance, ele é colocado diante de uma bifurcação. E durante a narrativa, ou seja, durante um ano, tempo em que ocorre o romance, uma vez que ele escreve a última carta no dia 25 de agosto do ano seguinte, sua missão será decidir para qual lado da bifurcação seguirá.

Sendo assim, Stone abre duas possibilidades a Justyce: uma estrada conduz a uma realidade em que continua duvidando da vida que o subjugava para acreditar na vida em que merece ser tratado com dignidade; enquanto a outra conduz a uma realidade em que aceita, sem questionar,

a condição de jovem negro e periférico, conforme os estereótipos que rondam a sociedade estadunidense. Essa metáfora da bifurcação fica evidente no romance a partir dos demais personagens, uma vez que eles podem ser divididos entre aqueles que querem que Justyce siga a primeira estrada, enquanto outros tentam, a todo custo, fazê-lo seguir pela segunda.

Os que colaboram com a primeira estrada são a mãe, que não é nomeada; Manny e seus pais, sr. Julian e Dra. Rivers; Sarah-Jane, a amiga/namorada, juntamente com seus pais, sr. e sra. Friedman; e Dr. Jarius Dray, carinhosamente chamado de Doc pelos estudantes, assim como uma das maiores referências de Justyce pela competência como professor e como ser humano, bem como por ser o único professor negro da escola. Já aquelas que colaboram com a segunda estrada são Melo, a ex-namorada; Jared, Tyler, Kyle e Blake, garotos da escola, com quem Justyce estuda e convive, em alguns momentos, por serem amigos de Manny; e também Quan e Trey, integrantes da gangue Jihad Negra e moradores do bairro em que Justyce nasceu e viveu sua infância e adolescência antes de se mudar para o alojamento da Escola Preparatória de Braselton.

Por fim, não poderíamos deixar de citar uma persona que, apesar de não se figurar como personagem, possui uma importância na narrativa tanto quanto fosse: Martin Luther King. O título da seção, "O que Martin faria?" (STONE, 2020a, p. 146), é um dos questionamentos que surgem na consciência de Justyce durante a narrativa. Como o próprio título da obra sugere, é a ele que as dúvidas serão endereçadas. Esse recurso estético criado por Stone é interessante se considerarmos, mais uma vez, o fato de Justyce ser um adolescente. Já que Martin Luther King nunca poderá ler as cartas de Justyce e, especialmente, sabendo que ninguém leu essas cartas, podemos considerar que a personagem escreve, na verdade, para si. Na próxima seção, iremos analisar, com mais profundidade, a jornada de Justyce na busca por esses entendimentos.

2 É difícil ser preto, não é?

Considerando as contribuições de Candido (2011), Hall (2006) e Bonnici (2011), trazidas na seção anterior, em relação à construção literária humanizadora e à formação das identidades em sociedades multiculturais, iremos, nesta seção, aderir à proposta dos autores sobre adentrarmos nas linhas estéticas da literatura para compreender sua expressão e a forma como se transfigura em conhecimento; sobre considerarmos as desigualdades e as injustiças causadas pelos sistemas e pelas estruturas sociais; e sobre analisarmos a formação das identidades por meio dos contextos sociais e históricos.

A criação estética da personagem Justyce no romance – e de quantos Justyces fora do romance? –, infelizmente, é marcada por diversas situações desumanas oriundas do racismo. Dessa forma, entenderemos, em nossa análise, com base em Kilomba (2021), que as desigualdades e as injustiças sociais sofridas pela personagem performam o percurso de um trauma. Esse foco de análise foi escolhido não para se configurar enquanto um diagnóstico, afinal, em nossa perspectiva, essa não é a finalidade das obras literárias. Mas porque, para demonstrarmos a jornada de Justyce em seu exercício de reflexão, primeiramente, precisaremos compreender como ele foi inserido nessa dinâmica.

Além disso, esse foco analítico também foi escolhido, pois, como afirma Kilomba (2021), o trauma raramente é discutido em contextos raciais. "Essa ausência indica como os discursos ocidentais", também no campo da psicologia e da psicanálise, "negligenciaram amplamente a história da opressão racial e as consequências psicológicas sofridas pelas/os oprimidas/os" (KILOMBA, 2021, p. 215). Isso acontece, especialmente, devido às teorias psicanalistas tradicionais ignorarem aquilo que evidenciou Hall (2006), ou seja, reconhecer a influência das forças sociais e históricas na formação das identidades e, portanto, também na formação do trauma (BOUSON, 2000; FANON, 1967 *apud* KILOMBA, 2021). Considerando a tendência realista e de denúncia social de Stone, acreditamos que sua

intenção em performar um trauma no romance corrobora com a perspectiva de Kilomba.

Em *Memórias da plantação*, Kilomba (2021, p. 213) usa “a metáfora da ‘plantação’ como o símbolo de um passado traumático que é reencenado através do racismo cotidiano”. Ou seja, a autora trata de um trauma memorial, uma vez que este não foi esquecido, porque “cotidiana e abruptamente, como um choque alarmante, ficamos presas/os a cenas que evocam o passado, mas que, na verdade, são parte de um presente irracional” (KILOMBA, 2021, p. 213). A irracionalidade do racismo é tamanha que a autora argumenta ser um “evento para o qual a cultura não fornece equivalentes simbólicos e aos quais o *sujeito* é incapaz de responder adequadamente” (KILOMBA, 2021, p. 214).

Portanto, uma vez que o racismo se figura como uma situação traumática, Kilomba (2021) propõe, com base nas teorias psicanalíticas do trauma, três ideias principais, implícitas nessas situações:

[...] primeira, a ideia de um *choque violento* ou de um evento inesperado para o qual a resposta imediata é o choque; segunda, a *separação* ou fragmentação da pessoa com a sociedade; e, terceira, a ideia de *atemporalidade*, na qual um evento violento que ocorreu em algum momento do passado é vivenciado no presente e vice-versa, com consequências dolorosas que afetam toda a organização psicológica, entre as quais se encontram pesadelos, *flashbacks* e/ou dor física (BOUSON, 2000; KAPLAN, 1999; LAPLANCHE; PONTALIS, 1988 *apud* KILOMBA, 2021, p. 216).

Em *Cartas para Martin* (STONE, 2020a), encontramos, claramente, essas três etapas durante a jornada traumática de Justyce. A primeira delas, o choque violento, acontece no mesmo instante da violência sofrida. Nessa situação, a vítima “tenta encontrar alguma ‘razão’ dentro da ‘desrazão’” (KILOMBA, 2021, p. 217), até, enfim, perceber que não haverá nenhuma possibilidade de explicação racional. A autora corrobora com Frantz Fanon, psicanalista e filósofo martinicano, pois ele também afirma que “dentro do racismo, nenhum acordo ‘no plano da razão’ é possível” (FANON, 1967, p. 123 *apud* KILOMBA, 2021, p. 217).

Para a autora, o choque violento como primeira etapa do trauma não significa que “o racismo é

inesperado – infelizmente ele é esperado – mas a violência e a intensidade do racismo são tamanhas que, apesar de esperadas, elas sempre recriam esse elemento de surpresa e choque” (KILOMBA, 2021, p. 218). Um elemento que produz essa intensidade é a característica histórica e social do racismo, ou seja, o choque violento “resulta não somente da agressão racista, mas também da agressão de ser colocada (de volta) no cenário colonial” (KILOMBA, 2021, p. 219).

Justyce, ao escutar o policial se aproximando do carro onde Melo estava, se preocupa em colocar o cinto nela para “deixar *claro* para o policial que ela não pretendia dirigir, para não encenarem com ela ainda mais” (STONE, 2020a, p. 15). Essa construção linguística de “ainda mais” sinaliza que Justyce não esperava que ele fosse sofrer a represália do policial: Melo já estava encenada; ele só estava tentando amenizar a encrenca. Como era de se esperar, pois a bebida e o carro eram de Melo, portanto, se alguém fosse precisar se justificar, com certeza, para Justyce – e para nós, não? –, seria ela. Mas não foi.

Ainda está com o corpo dentro do carro quando sente o puxão na camisa. Ele bate a cabeça na porta ao mesmo tempo que o agarram pela nuca, e é atirado com tanta força contra a traseira do automóvel que acaba mordendo a bochecha por dentro, a boca se enchendo de sangue. Jus engole o sangue, zozzo, sem conseguir entender o que está acontecendo. O metal gelado nos pulsos o traz de volta à realidade. Algemas. Então ele compreende: por causa do álcool, Melo está desacordada no banco de trás de um carro que *ela* tinha toda a intenção de dirigir, mas quem é algemado é *ele* (STONE, 2020a, p. 15).

A partir desse fragmento, podemos perceber como Justyce se encontra perdido quando a abordagem começa justamente pelo fato dela ter iniciado com violência, negando a ele seu direito de diálogo e explicação. O “então ele compreende”, após sentir as algemas, se refere a compreender que está sofrendo algo que não deveria por conta de racismo. Porém, assim como é característico do choque violento, a personagem não consegue manifestar, literalmente, essas palavras, ou ter, racionalmente, uma explicação lógica para esse racismo, uma vez que não tem

mesmo. Depois das algemas, Justyce tenta iniciar um diálogo respeitoso com o policial, que o impede com mais violência física. Então, o narrador, acessando os pensamentos da personagem, afirma: "a mãe de Justyce o ensinou a lidar com esse tipo de situação, embora ele admita que não esperava um dia precisar das orientações dela" (STONE, 2020a, p. 16). E tudo que não se espera, quando acontece, choca violentamente.

Após o choque violento, "o racismo se torna um fantasma, assombrando-nos noite e dia. Um fantasma *branco*. Vivê-lo é tão excessivo e intolerável para a organização psíquica, que [...] assombra o *sujeito negro* de maneira que outros eventos não o fazem" (KILOMBA, 2021, p. 219). Devido a essa sombra que fica, a vítima de racismo entra na segunda etapa do trauma: a separação, na qual ocorre "corte e perda", ou seja, uma privação do sujeito "de suas conexões com a sociedade" (KILOMBA, 2021, p. 220). Para ilustrar esta etapa, Kilomba (2021, p. 221) recorre a Fanon:

"Naquele dia, completamente descolado", escreve Fanon (1967, p. 221), "incapaz de estar no exterior com o outro, o homem branco, que impiedosamente me aprisionou, eu me levei longe da minha presença, para bem longe, de fato, e me fiz um *objeto*". A noção de comunidade de Fanon e seu vínculo com a humanidade são radicalmente interrompidos. Essa sensação de fragmentação coincide com a fragmentação histórica da escravização e do colonialismo.

A ação que dará sequência à narrativa, após o choque inicial de Justyce, é uma conversa entre ele e Manny. Uma das primeiras coisas que Justyce conta ao amigo é que ele voltou com Melo. Entendemos esse acontecimento como consequência do sentimento de perda que estava inundando Justyce, característica da etapa da separação, uma vez que Manny fica muito bravo com a notícia e fala: "odeio ter que te informar isso, parceiro, mas se você for procurar 'relacionamento abusivo' na Wikipédia, vai ter uma foto sua com a Melo" (STONE, 2020a, p. 26). Ou seja, assim como Fanon, Justyce, sentindo-se um mero objeto após o choque violento, volta a um relacionamento que, em outros momentos, já provou não lhe fazer bem.

Por meio do narrador onisciente, temos acesso à justificativa de Justyce para o fato de ter voltado com Melo:

[...] ele [Justyce] não tem uma fila de garotas atrás dele como acontece com Emmanuel Rivers, o Manny, capitão do time de basquete da escola e um dos caras mais bonitos que Jus conhece. Manny tem muitas coisas que Justyce não tem: pai e mãe com salários de cinco dígitos, um porão inteirinho só para ele, praticamente um apartamento, um carro maneiríssimo, autoestima nas alturas... O que Justyce tem? A garota mais gata da escola [Melo] (STONE, 2020a, p. 26).

De fato, ele e Manny têm vidas diferentes. Mas Justyce também tem coisas muito boas na vida, como ele mesmo relata na primeira carta que escreve, que citamos na introdução, ao apresentar a personagem. Portanto, é interessante que, nesse momento, ele não se lembre delas e, ao contrário, preocupe-se apenas com o que não tem. Isso porque, a sua conexão com a sociedade foi cortada, como afirma Kilomba (2021). Dessa forma, ele se apegou, com ansiedade, à primeira coisa que lhe apareceu, ainda que não fosse isso que faria, provavelmente, caso a situação com Melo tivesse ocorrido de outra forma.

A ação narrativa que inicia o capítulo três está relacionada à terceira, e última, etapa do trauma: a atemporalidade. Sobre ela, Kilomba (2021, p. 223) afirma ser uma "sensação de imediatismo e presença", ou seja, "um evento que ocorreu em algum momento do passado", mas que "é vivenciado como se estivesse ocorrendo no presente e vice-versa". É especialmente nesta etapa que a relação histórica e social do trauma ficará mais evidente. Nas duas primeiras, como afirma Kilomba (2021), também estão presentes, porém, é na atemporalidade que esses dois contextos serão sentidos de maneira mais forte. A explicação da autora para isso é que "o passado agride [a pessoa] no presente" (KILOMBA, 2021, p. 223). Ou seja, a pessoa é assombrada pelo passado traumático, que "retorna, de maneira intrusiva, em forma de experiências sensoriais ou motoras fragmentadas" (VAN DER KOLK; VAN DER HART, 1991, p. 447 *apud* KILOMBA, 2021, p. 223).

Justyce só vivenciou essa situação traumática porque, séculos antes, um sistema opressivo para com pessoas negras foi criado, estruturado e perpetuado. Sem essa herança histórica e social, o policial não teria agido daquela forma, uma

vez que Justyce não estava fazendo nada fora da lei. Portanto, toda vez que revive seu trauma individual, Justyce revive um trauma que também é coletivo (KILOMBA, 2021).

No capítulo três, Justyce está na aula de sociologia, da qual Dr. Jarius Dray é professor. Este inicia um debate sobre racismo, que não termina muito bem. Jared, um dos colegas de turma de Justyce, branco, traz argumentos racistas que se transformam em mais uma situação traumática. Dessa vez, ainda pior, pois faz Justyce rememora a violência policial:

Jared: Bom, todos os que nascem no nosso país são cidadãos com plenos direitos. Tem quem alegue que certas "injustiças" são motivadas por questões de raça, mas, se quer saber minha opinião, acho que isso só cria divisão entre as pessoas. Justyce: *[Respira fundo e esfrega os pulsos.]* (STONE, 2020a, p. 34).

Ao ouvir o comentário racista de Jared, Justyce é levado de volta ao passado, ao dia 25 de agosto, e também a todos os outros 25 de agostos da história. Por isso, sua reação é esfregar os pulsos. Ele sabe, muito mais do que Jared, que certas "injustiças" são motivadas por questões de raça sim. Ele – e quantos outros? – são provas vivas disso.

3 Se nada no mundo mudar, que tipo de pessoa eu prefiro ser?

O que mais admiramos na teoria de Kilomba (2021) é que a autora não termina no trauma. Afinal, toda situação traumática, apesar de dolorosa, pode ser tratada. É ainda mais interessante perceber a mesma linha de raciocínio em *Cartas para Martin* (STONE, 2020a). Stone também não termina a jornada de Justyce no trauma. Mesmo com todas as dificuldades, ele consegue escolher um lado da bifurcação – e o lado que o deixou mais orgulhoso de si.

Portanto, para lidar com o trauma, Kilomba (2021) vai aderir à necessidade da dúvida também. Ela demonstra que o primeiro passo a ser tomado é questionar-se. Especialmente porque, num ato de racismo, como mostrou a segunda etapa do trauma, a tendência é que a vítima se objetifique e se esqueça de quem é. Dessa forma, um bom questionamento, para ter resultados, precisa ser

feito em relação a si mesmo, em respeito aos sentimentos da própria vítima, e não em relação ao outro branco. Ou seja, a pergunta não deve ser "o que você fez depois do racismo?", foco no outro, mas "o que o racismo fez com você?", foco em si (KILOMBA, 2021, p. 226).

A pergunta "o que o incidente fez com você?" é bastante libertadora, pois ela abre espaço para o que foi negado. [...] Eu realmente vejo essa pergunta como um ato real de descolonização e resistência política, na medida em que permite ao *sujeito negro*, finalmente, se ocupar consigo mesma/o, em vez de com a/o "outra/o" branca/o. A pergunta é direcionada para o interior (o que – *ela/e* – fez – com *você*) e não para o exterior (o que – *você* fez – com *elas/eles*). Para mim, isso é bastante revolucionário (KILOMBA, 2021, p. 227).

A partir desse encontro com seu próprio interior, a vítima do racismo tem a oportunidade de enterrar, de maneira adequada, sua dor e a dor de seus ancestrais, pois, para Sharpe (2003 *apud* KILOMBA, 2021, p. 224), "a escravidão é uma história assombrada, que continua a perturbar a vida atual das pessoas negras", apenas porque não foi enterrada adequadamente. Para Kilomba (2021, p. 224), escrever, nesse contexto, torna-se uma maneira de "ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la adequadamente".

Essa ideia da escrita como um instrumento de emancipação do trauma é denominada por Kilomba (2021, p. 224) de "descolonização". Para a autora, "a ideia de descolonização pode ser facilmente aplicada no contexto do racismo, porque o racismo cotidiano estabelece uma dinâmica semelhante ao próprio colonialismo" (KILOMBA, 2021, p. 224). Ou seja, num ato de racismo atual, "uma pessoa é olhada, lhe é dirigida a palavra, ela é agredida, ferida e finalmente encarcerada em fantasias *brancas* do que ela deveria ser", assim como num ato de racismo do período colonial (KILOMBA, 2021, p. 224). É nesse contexto que entendemos as cartas de Justyce como um instrumento estético criado por Stone para legitimar o processo de descolonização. Nelas, podemos adentrar, com mais profundidade, na intimidade da personagem e acompanhar seus sentimentos após o trauma. Ao todo, são nove cartas escritas conforme situações intensas acontecem durante a narrativa.

A primeira delas é do dia 25 de agosto, mesmo dia em que a violência policial aconteceu. Como é de se esperar, considerando o choque violento ao qual passou, Justyce está muito questionador nessa carta e demonstra que a situação o deixou diferente:

[...] nunca achei que me veria numa situação dessas [...], antes do incidente, eu nunca tinha pensando muito sobre essas coisas, [...] o que teria sido diferente se eu não fosse negro? [...] a noite passada mudou algo em mim, [...] preciso ser mais atento, Martin. Começar a enxergar a realidade e escrever sobre essa questão. Entender o que posso fazer (STONE, 2020a, p. 21-22).

Ou seja, podemos afirmar que, logo após o incidente, Justyce já percebeu que, para viver melhor, precisa tentar entender o mundo como ele é.

Já na segunda carta, do dia 18 de setembro, Justyce relata uma conversa com a mãe após os comentários racistas de Jared na aula de Sociologia. Esse episódio, somado ao da violência policial, faz com que a personagem se sentisse incapaz: "estou com a sensação de que tudo que eu faço de certo é uma batalha perdida" (STONE, 2020a, p. 52). É nesse momento que o apoio da mãe se torna essencial para ele: "eu vivo te dizendo que você tem que construir seu lugar no mundo. Achou que fosse bobagem? [...] Já pensou que talvez o ideal seja não 'se encaixar'? [...] As pessoas que fazem a história raramente se encaixam" (STONE, 2020a, p. 53). Esse apoio da mãe, que, ao não ser nomeada, pode ser a mãe de todos os leitores que precisam de uma mãe como ela, foi o começo de uma possível solução para os questionamentos de Justyce.

Tanto é que, na carta três, em uma conversa com a Sarah-Jane por telefone após um episódio envolvendo os colegas brancos – e racistas – da turma, bem como Trey e os garotos da Jihad Negra, a gangue do bairro de Justyce, ele emite, pela primeira vez, pensamentos críticos sobre racismo, especialmente sobre estereótipo e como isso influencia sua identidade no mundo:

É isso. Aqueles caras me chamavam de Branquinho, porque eu ficava lendo enquanto eles apostavam moedas no jogo de dados. Sei que é ridícula essa ideia de que todos os negros são o mesmo "tipo" de gente, como

disse aquele policial, o Castillo, mas, assim que eu vi a arma na calça do garoto, senti uma queimação nos pulsos e pensei... Eu sei que é feio pensar isso, mas... pensei que é por causa de filhos da puta como o Trey e os comparsas dele que os policiais acham que preto não presta (STONE, 2020a, p. 51).

Assim como qualquer processo de formação do pensamento crítico, Justyce começa aos poucos. Nessa carta, por exemplo, o jovem não consegue perceber que, na verdade, não é por conta de gangues que os policiais não gostam de negros: a relação conflituosa nada mais é do que uma atualização da relação senhor/escravos, que, por conta das mudanças históricas e sociais, também se atualizou. Ou seja, Justyce ainda estava caminhando para conseguir chegar ao ponto de entender que racismo não é falta de informação, nem um combate ao mal, mas apenas uma projeção branca de informações indesejáveis sobre o outro e de desejo de dominação pelo outro (KILOMBA, 2021).

Na quarta carta, Justyce continua argumentando – e progredindo – sobre racismo, a partir de situações que vivencia. Nesta, o contexto foi um debate, racista, com Jared e a turma da escola por conta de Justyce ter entrado em Yale e Jared ter ficado na lista de espera. O colega de turma estava inconformado que Justyce entrou e ele não. Na carta, a personagem comenta sobre isso: "a história dos resultados de Yale me deixou mal. O cara fica com esse papinho de que existe 'igualdade', mas já foi logo achando que eu não me sairia tão bem quanto ele!" (STONE, 2020a, p. 90). E continua: "E NINGUÉM vai me convencer de que não foi por eu ser negro, Martin" (STONE, 2020a, p. 90). Diferentemente de antes, nesta, Justyce concretiza seu processo iniciado na carta anterior ao perceber que o racismo acontece sem nenhum motivo que o justifique, a não ser o desejo do outro branco de dominação. As maiúsculas e a palavra escolhida comprovam isso: "NINGUÉM" mudará sua visão, pois, agora, está seguro de si e de seus pensamentos.

A quinta carta é um desabafo do Justyce apaixonado, que está com problemas com a amiga – e futura namorada – Sarah-Jane. O próprio

personagem escreve que “não tem nada a ver com o experimento ‘Ser Como Martin’” (STONE, 2020a, p. 109). Devido ao conteúdo desta carta não contribuir com nossa análise sobre o racismo cotidiano e a descolonização, não iremos nos aprofundar nele. Porém, achamos que valia um rápido comentário, até mesmo para demonstrar como Stone vai formando a identidade de Justyce de maneira plural, afinal, nem só de racismo se faz a vida do jovem negro.

A carta número seis é uma das mais importantes em nossa análise, uma vez que é nela que Martin avança, significativamente, em seu processo de descolonização. Ou seja, é nela que ele demonstra compreender como o mundo, para pessoas como ele, é cruel. Após um episódio de racismo numa festa de aniversário dos colegas – racistas – da turma, na qual Justyce foi para tentar se integrar, assim como Martin Luther King sugeria, ele se irrita e acaba batendo em dois garotos. Diante da situação, ele se questiona:

[...] o que devemos fazer, Martin? O que eu devo fazer? Ser mais como Manny e agir como se não houvesse nada errado ao ver um cara branco pedindo aos seus “negões” que o ajudem a se aproveitar de uma garota negra? Ouvir calado as merdas que eles falam, tentar parar com tanto “drama”? O que eu faço quando minha identidade é ridicularizada por pessoas que se recusam a admitir que o problema é real? [...] Honestamente, já faz seis meses que estou lendo seus sermões e estudando seus livros, mas sinto como se tudo que consegui reunir até hoje fosse frustração e sensação de derrota. Ontem, quando eu estava saindo da casa do Blake, juro que ouvi uma garota falando: “Por que os negros estão sempre com tanta raiva?” Como eu posso não ter raiva? (STONE, 2020a, p. 121-122).

A raiva de Justyce é legítima e ele tem direito de senti-la. Kilomba (2021, p. 231) questiona “o que aconteceria se nos permitíssemos sentir a fúria causada pelo racismo? O que deveríamos fazer com essa raiva? Ou com esse desespero? E o que o *sujeito branco* teria de ouvir?”. Para a autora,

[...] nós investimos fortemente na fantasia de que devemos ser compreendidas/os a fim de evitar um sentimento de desilusão e conflito. De modo geral, porém, não somos compreendidas/os, especialmente quando nos pronunciamos contra o racismo (KILOMBA, 2021, p. 231).

Portanto, na falta de compreensão, a vítima de racismo pode usar sua raiva como recurso, “pois a raiva ajuda a saber o que ela quer e o que não quer” (KILOMBA, 2021, p. 232). É importante ressaltar que Kilomba (2021) analisa a questão da raiva sob o contexto de uma de suas entrevistadas, que reagiu a uma ofensa racista de sua vizinha com um diálogo raivoso. No caso de Justyce, a reação foi com agressão. Stone não provoca nenhum julgamento no romance. Portanto, entendemos que a escritora quer deixar aos leitores um ponto de interrogação para que os próprios formem sua opinião. Corroborando com a escritora, faremos o mesmo.

Outro ponto interessante dessa carta é o final do fragmento citado, no qual Justyce afirma não estar resolvendo seu experimento, uma vez que os sentimentos de frustração e derrota ainda continuam o acompanhando. O que a personagem não percebeu, porém – devido à falta de maturidade? Devido à vulnerabilidade que estava sentindo após manifestar publicamente sua raiva? – é que “resolver” não se refere a não vivenciar situações desafiadoras, mas ser forte internamente para passar por elas. E isso, como se pode perceber nas evoluções em cada carta, estava acontecendo.

Essa compreensão se materializará na sétima carta, quando Justyce relata uma conversa entre ele, sr. Julian e Manny. O pai de Manny contou aos garotos um episódio de racismo que sofreu no trabalho. Após o relato, Justyce desabafa na carta:

Não consigo parar de pensar nisso, Martin. Sinceramente, é muito desanimador saber que o sr. Julian tem uma autoridade imensa e mesmo assim ainda é desrespeitado. As palavras dele me fizeram perceber que eu ainda tinha esperanças de chegar a um ponto da vida, depois de muitas conquistas, em que não precisaria mais aturar essas merdas racistas. Mas é claro que não é assim que funciona. O que eu faço? (STONE, 2020a, p. 141).

Ele mesmo responde ao questionamento lembrando de uma fala do professor Doc: “todo meu empenho para vencer na vida... eu faço isso por quem? Melhor: para quê? Para provar algo a mim mesmo? Para ganhar o respeito dos outros? Para esfregar meu sucesso na cara de gente como

Jared? Nem sei mais, Martin" (STONE, 2020a, p. 142). É interessante esse movimento de responder às próprias perguntas. Mesmo em situações nas quais a falta de compreensão seja comum, como afirma Kilomba (2021), Justyce se mostrou forte para continuar duvidando e sanando as próprias dúvidas.

A oitava carta marca uma ação narrativa importante. Justyce relata a morte do amigo Manny. Os dois estavam passeando de carro e ouvindo música alta, na tentativa de animar Manny, que não estava em um dia legal, mas foram abordados por um homem – branco e ex-policial – no semáforo incomodado com as músicas de "negro" e com a altura do som. Ao se recusar a abaixar a música, dentro do próprio carro, Manny foi baleado pelo homem. Justyce também é atingido, mas consegue sobreviver após um período no hospital. A carta é curta e objetiva, como é de se esperar em momentos como o luto, em que as palavras falham e não encontramos alguma que seja adequada para expressarmos o que sentimos. Principalmente um luto duplo relacionado ao racismo.

Essa falha da linguagem é demonstrada também na ausência de cartas. Datada no dia primeiro de fevereiro, essa é a penúltima carta que Justyce escreve. Após esta, ele fica sete meses sem escrever. O processo da morte de Manny foi difícil, pois, além da falta do amigo, Justyce teve que lidar com julgamentos jurídicos e com a justiça ficando do lado do policial. Além disso, outras coisas vão acontecendo durante a narrativa, como a oficialização do namoro dele e de Sarah-Jane, a formatura e a mudança para Yale.

Porém, uma das ações mais significativas desses meses sem escrever é o quase envolvimento de Justyce com a Jihad Negra. Extremamente cansado de tentar ser bom em um mundo que mata os seus todos os dias, a personagem fica tentada a entrar para a gangue após uma conversa com o "acolhedor" Trey. É nesse momento que Justyce escolhe sua estrada na bifurcação. Ou seja, é nesse momento que percebemos como o experimento deu muito certo, uma vez que a decisão é tomada somente por ele e seu pensamento crítico. Ele escolhe ir embora da casa de Trey e continuar com a vida que vinha planejando, pois percebe que, acima de qual-

quer coisa, o plano é sobre si e para si, apenas. Portanto, ele percebe que, mesmo com grandes obstáculos, algo que é feito sobre si e para si sempre valerá a pena.

Então, no dia 25 de agosto, exatamente um ano após seu trauma racial inicial, e após um ano tentando realizar um experimento de escrita, Justyce escreve a mais consciente de todas as suas cartas. Em um trecho, ele questiona:

[...] qual era meu objetivo com essa parada de "Ser Como Martin?" Eu estava tentando conquistar mais respeito? (Não rolou.) Estava tentando ser "mais aceitável"? (Não rolou.) Achei que isso fosse me ajudar a evitar problemas? (Não rolou mesmo.) Sério, qual era o propósito disso tudo? [...] Acabo sempre me lembrando de algo que Doc disse quando eu estava chateado com a cobertura do caso Tison: se nada no mundo mudar, que tipo de pessoa eu prefiro ser? Estou há dias ruminando sobre isso, e comecei a achar que o experimento falhou porque eu estava fazendo a pergunta errada. A cada desafio que enfrentei, a pergunta era "O que Martin faria?". Eu nunca consegui responder a isso de verdade, mas, se seguirmos a lógica de Doc e perguntarmos "Quem Martin SERIA?", aí é fácil responder: você seria você mesmo, o eminente Martin Luther King; uma pessoa não violenta, difícil de ser desencorajada, firme em suas crenças. Talvez o meu problema seja o seguinte: ainda não descobri quem eu sou ou no que acredito (STONE, 2020a, p. 181).

Sendo assim, podemos afirmar que Justyce oficializa, nesta carta, sua descolonização ao passo que descobre o segredo dela: buscar as perguntas adequadas ao invés das respostas. Assim como a arte faz. Porém, como todo processo formador de identidade é processual e só termina junto com a morte, Stone (2020a, p. 251) encontra uma forma de sinalizar isso aos seus leitores: essa é a única carta que Justyce assina com um "até a próxima". Ao que parece, ele irá continuar escrevendo. E, portanto, podemos, como leitores, preencher as lacunas do final e imaginar que, se ele irá escrever, também irá continuar progredindo criticamente. Será Justyce o Luther King de sua geração?

Após a última carta, encontramos um posfácio intitulado "quatro meses depois" (STONE, 2020a, p. 45). Nele, Justyce vai ao cemitério visitar o túmulo do amigo e encontra Jared, com quem teve tantos conflitos ao longo do romance. Com uma postura humilde e emocionada, Jared cumprimenta e

conversa com Justyce com um sincero interesse. A sinceridade que sentimos fica por conta da forma como Stone constrói o diálogo: com Jared tomando a iniciativa e com perguntas relacionadas à vida de Justyce. Mesmo quando silenciam, o narrador nos confirma: “um silêncio confortável recai sobre os dois enquanto observam a lápide” (STONE, 2020a, p. 250). Ainda que de maneira totalmente diferente, indireta e menos intensa, o racismo, afinal, afeta também os brancos. Perder Manny foi um golpe duro na vida de Jared. E, assim como o trauma de Justyce, o luto também o desperta. Ao ser questionado por Justyce em qual área se especializaria, Jared responde: “resolvi estudar Direito Civil em vez de Administração” (STONE, 2020a, p. 249). E continua: “peguei uma matéria de Introdução aos Estudos Afro-americanos, e minha cabeça explodiu, cara. Estou pensando em me especializar nisso também” (STONE, 2020a, p. 249).

As últimas palavras do romance foram criadas com cuidado por Stone e simbolizam, em nossa análise, algo defendido por Candido (2011, p. 178): a literatura “*não corrompe nem edifica*”, mas, “trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. Justyce não é o herói utópico que, aos 17 anos, após passar por um trauma e profundas mudanças na vida, conseguiria subir em palanques, emocionar multidões e mudar a vida de milhares de criancinhas. Ele é, essencialmente, um jovem humano. Ele sofre, ele pensa, ele duvida, ele erra. Acima de tudo, ele insiste. Já Jared, por sua vez, personifica, ao longo do romance, o que poderia ser considerado um antagonista. Porém, o posfácio nos confirma que, ao contrário, ele também é apenas um jovem humano. Portanto, possui o direito à dúvida. Que bom ele ter conseguido, ainda que de forma cruel – mas afinal, na vida, não é assim mesmo? – encontrá-la e fazer um bom uso dela. Que ele continue. Que Justyce continue. Que nós continuemos.

Considerações finais

A partir do pressuposto candidiano sobre as três faces integradas da literatura, esta pesquisa demonstrou que o romance juvenil *Cartas para*

Martin, da escritora estadunidense Nic Stone (2020a), corrobora com a abordagem do autor. Ou seja, o romance possui uma estrutura significativa, especialmente quando: um, alterna as vozes narrativas entre terceira e primeira pessoa; e dois, quebra a narrativa com a inserção de cartas.

Além disso, por meio dessa primeira face, *Cartas para Martin* (STONE, 2020a) materializa também a segunda, sentimentos e visões de mundo, que estão em consonância com os conceitos discutidos de identidade e multiculturalismo de Hall (2006) e Bonnici (2011), respectivamente, ambos necessários para o recorte social realizado pela autora na obra: as identidades juvenis racializadas.

Ao priorizar uma visão de mundo subjetiva de um jovem negro em um contexto de trauma oriundo da violência do racismo cotidiano, o romance corrobora, por fim, com a terceira face, formas de conhecimento que podem ser aprendidas de forma prolixa e inconsciente. As formas de conhecimento exploradas nesta pesquisa foram: as reflexões sobre o papel da dúvida na desconstrução de pensamentos alienantes e na construção de pensamentos libertadores em contextos raciais; e o potencial emancipador da escrita íntima diante desses processos.

Sendo assim, concluímos que a integração das três faces da literatura proposta por Candido (2011) é essencial para a criação de romances juvenis, que (des)constróem identidades minorizadas. No caso do romance sob análise, essa inclusão possibilitou também que a personagem Justyce, na impossibilidade de encontrar espaços de acolhida na sociedade, criasse seus próprios espaços no mundo profundo de sua consciência. Isto se deu, como demonstramos, a partir do conceito de descolonização (KILOMBA, 2021) por meio da escrita íntima, e, especialmente, das dúvidas que surgiram diante desse processo. No romance, a escrita de Justyce se transfigura, interferindo diretamente na vida da personagem. Seria esse ponto mais um conhecimento inconsciente proporcionado pela escrita de Nic Stone? Poderia sua arte ser transfigurada para interferir diretamente na vida de outros Justyces?

Referências

ACEVEDO, Elizabeth. *A poeta X*. Tradução: Giu Alonso. Rio de Janeiro: Galera Record, 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALEXIE, Sherman. *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente*. Tradução: Maria Alice Máximo. São Paulo: Galera Record, 2009.

BONNICI, Thomas. O Multiculturalismo e a literatura negra britânica no contexto multicultural. In: BONNICI, Thomas (org.). *Multiculturalismo e diferença: narrativas do sujeito na literatura negra britânica e em outras literaturas*. Maringá: EDUEM, 2011. p. 13-63.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

FORNA, Namina. *Sangue dourado*. Tradução: Karine Ribeiro. Rio de Janeiro: Galera Record, 2021.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUNT, Peter. Conte algo que não sei. [Entrevista concedida a] Emiliano Urbim. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 nov. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/conte-algo-que-nao-sei/peter-hunt-professor-toda-literatura-infantil-tenta-controlar-crianca-18152942>. Acesso em: 12 nov. 2022.

HUNT, Peter. The expanding world of Children's Literature Studies. In: HUNT, Peter. *Understanding Children's Literature*. London; New York: Routledge, 2005. p. 1-14.

JOHNSON, Leah. *Espere até me ver de coroa*. Tradução: Solaine Chioro. São Paulo: Alt, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

LEAL, Zaira Rezende Gonzalez; FACCI, Marilda Gonçalves Dias; SOUZA, Marilene Proença Rebello de (org.). *Adolescência em foco: contribuições para a psicologia e para a educação*. Maringá: EDUEM, 2014. *E-book*.

RAÚF, Onjali Q. *O garoto do fundo da sala*. Tradução: Carol Dias. Rio de Janeiro: The Gift Box, 2020.

REYNOLDS, Jason. *Daqui pra baixo*. Tradução: Ana Guadalupe. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

SILVERA, Adam. *Lembra aquela vez*. Tradução: Lucas Peterson. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2017.

STONE, Nic. *Cartas para Martin*. Tradução: Thaís Paiva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020a.

STONE, Nic. *Dear Justyce*. New York: Ember, 2022.

STONE, Nic. *Dear Martin*. New York: Crown Books for Young Readers, 2017.

STONE, Nic. *Jackpot*. New York: Crown Books for Young Readers, 2019.

STONE, Nic. *Odd One Out*. New York: Crown Books for Young Readers, 2018.

STONE, Nic. *Shuri: a black panther*. New York: Scholastic Inc., 2020b. v. 1.

STONE, Nic. *Shuri: the vanished*. New York: Scholastic Inc., 2021. v. 2.

THIONG'O, Ngũgĩ wa. *Descolonizar la mente*. Tradução: Marta Sofia López Rodríguez. Barcelona: Penguin Random House, 2015.

THOMAS, Angie. *Na hora da virada*. Tradução: Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Galera Record, 2019.

THOMAS, Angie. *O ódio que você semeia*. Tradução: Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Galera Record, 2017.

TURIN, Joëlle. La littérature du Jeunesse e les adolescents. *Bulletin des bibliothèques de France*, Paris, v. 48, n. 3, p. 43-50, 2003. Disponível em: <https://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2003-03-0043-006>. Acesso em: 12 nov. 2022.

YOON, Nicola. *O sol também é uma estrela*. Tradução: Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2017.

ZOBOI, Ibi. *Orgulho*. Tradução: Giu Alonso. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2019.

Jaqueline Magon

Mestranda em Estudos Literários, pelo Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Estadual de Maringá. Pesquisa literatura e construção de identidades. Membro do Grupo de Estudos em Multiculturalismo e Pós-colonialismo (GEMUP), da mesma instituição.

Endereço para correspondência:

JAQUELINE MAGON

Universidade Estadual de Maringá

Avenida Colombo, 5790, Bloco G34, sala 001

Zona 7, 87020-900

Maringá, PR, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.